VISÃO DO CORREIO

Uma guinada pouco efetiva

Na ciência política, o conceito de tecnopolítica refere-se ao uso das ferramentas digitais como peça central da atuação política. Como se a gestão de um mandato parlamentar, de um ator do Executivo ou de um partido, por exemplo, fosse moldada a partir do mundo digital. Não se trata de um fenômeno estritamente negativo, mas também há seu viés prejudicial à democracia.

O debate sobre o Projeto de Lei 5.582/2025, o chamado PL Antifacção, é a prova mais recente do mau uso da tecnopolítica. O texto, que deveria discutir um necessário cerco às organizações criminosas internacionais que operam no Brasil, se transformou em palanque para parlamentares do Congresso Nacional, em uma clara tentativa de apropriação de determinadas posições para agradar o eleitorado a menos de um ano das eleições.

Um dos pontos de maior discussão e que deixa evidente a estratégia da tecnopolítica trata da equiparação das facções a organizações terroristas. O texto aprovado pela Câmara excluiu acertadamente essa possibilidade, defendida, principalmente, por governadores que disputam um espaço no eleitorado para tentar concorrer ao Planalto no ano que vem. Mas o debate segue, também contaminado pelos exageros da polarização.

Os crimes cometidos pelas facções são graves, mas não são, tecnicamente, classificados como terrorismo. A definição dada pela ONU é recente, mas bastante assertiva nesse sentido. Em artigo publicado no jornal O Globo, o ex-secretário-geral Kofi Annan classificou o terror como "qualquer ação que vise a causar a morte ou provocar danos corporais graves a civis ou não combatentes, com o objetivo de intimidar uma população ou obrigar um governo ou uma organização internacional a fazer ou deixar de fazer alguma coisa".

Ainda que as facções criem distorções e prejuízos enormes para a sociedade, eles não ocorrem num contexto de disputa política não resolvida. Além do mais, a classificação das facções como terroristas poderia abrir um precedente perigoso do ponto de vista das relações internacionais. País líder da chamada "guerra ao terror", os Estados Unidos têm adotado táticas intervencionistas em todo o mundo para combater organizações classificadas por ele mesmo como terroristas.

Vale lembrar dos mais recentes ataques ordenados por Donald Trump contra embarcações venezuelanas. Mesmo sem uma definição clara se uma facção realmente coordena o tráfico internacional de drogas da Venezuela para o restante do mundo, Trump classifica o chamado Cartel de los Soles como terrorista, o que dá permissão para intervenção direta da CIA. A medida tem como pano de fundo a inevitável disputa política entre a Casa Branca e a ditadura de Nicolás Maduro.

Diante disso, não cabe ao Brasil abrir qualquer precedente para intervenção externa, ainda que o necessário combate às facções precise ser uma das primeiras prioridades deste e de próximos governos. Ao mesmo tempo, não se pode usar essa demanda como trampolim para se posicionar nas mídias sociais, até porque o combate a essas organizações passa muito mais pelo cerco às suas atividades econômicas do que pela coerção.

RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

Em defesa do jornalismo

Ao utilizar as redes sociais, deparei-me com duas publicações vergonhosas. Em uma delas, uma imagem de uma multidão na rua e um pedido explícito para que os brasileiros se rebelassem contra a prisão de Jair Bolsonaro. Uma internauta alegou que o protesto tinha ocorrido na "reinauguração" do autódromo de Brasília. Nem se deu ao trabalho de apagar um imenso letreiro em inglês. Ao digitar o nome do estabelecimento no Google, descobri tratar-se de um ato em Nairóbi, capital do Quênia. Uma pessoa chegou a dizer que era uma motociata em apoio ao ex-presidente e que viria à capital para engrossar as fileiras.

Outra postagem mostrava barracas armadas ao longo de uma cerca e insinuava que os bolsonaristas montaram acampamento do lado de fora da Superintendência da Polícia Federal. Detalhe: não se trata da cerca que isola a PF e nem mesmo de Brasília. O mais irônico foi ver pessoas exaltando as publicações sem que tivessem o mínimo de bom senso de questionar sua veracidade.

Por essas e outras, acredito ser urgente uma regulamentação das redes sociais. Não se trata de violar a liberdade de expressão, mas de impedir que fake news sejam lançadas a esmo com o propósito de tentar beneficiar um político ou jogar uma massa de manobra contra a Justiça brasileira. Quando entrevistei a jornalista filipina Maria Ressa, em 2021, três dias depois de ter sido anunciada ganhadora do Nobel da Paz, ela me disse que fake news podem até matar. E comparou as mentiras a uma lama tóxica escorrendo pelas redes sociais. Houve casos de pessoas serem linchadas porque ilações ou denúncias falsas de supostos crimes cometidos por elas reverberaram em grupos de WhatsApp. Como uma mulher arrastada pela rua e morta por uma multidão por ter sido acusada, falsamente, de usar crianças em rituais de magia negra. Com certeza, o clima para os ataques de 8 de janeiro de 2023 começou a ser forjado no mesmo ambiente.

A rede social X virou uma caixa de ressonância da ideologia da extrema-direita depois que Elon Musk comprou a empresa. Também um centro de desinformação. Há 31 anos, escolhi a profissão de jornalista com o propósito de ser sempre fiel aos fatos. Ética, fidedignidade e apuração criteriosa são a base do jornalismo profissional. O governo anterior esforçou-se em uma campanha de dilapidação do trabalho da imprensa, talvez movido por interesses próprios, enquanto cortejava blogueiros e investia no gabinete do ódio e da desinformação. Hoje, entristece-me saber que parte da população brasileira se atualiza por mensagens recebidas pelo WhatsApp — a grande maioria de teor inventado.

O jornalismo profissional, sério e comprometido com a busca pela verdade deve prevalecer, sempre, se quisermos uma sociedade democrática e um sistema de freios e contrapesos para monitorar as lideranças políticas e garantir o cumprimento do Estado de Direito.

» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» **E-mail:** ***sredat.df@dabr.com.br***

COP30

A matéria *Sem consenso sobre fósseis*, assinada por Fernanda Strickland, revela ao coletivo de leitores algo que desde os primórdios do anúncio da COP30 era esperado no acordo final da esvaziada conferência, realizada em Belém (PA): a proposta de criação de um roteiro global para a eliminação gradual do uso de combustíveis fósseis. O prenúncio foi o boicote norte-americano. A resistência, por sua vez, veio dos gigantes do ramo petroleiro: Arábia Saudita (petróleo) e Rússia (GNP). Apesar das animadas declarações da ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, o fracasso, por sua vez, ocorreu em terras tupiniquins.

» **Neto Kobra**
Distrito Federal

Humanidade

É certo que a civilização tecnológica tornou-se a civilização do medo e poderá ser destruída pelas próprias contradições. Sob o impacto de seus mecanismos infernais, poderemos caminhar para sistemas opressivos, que subjulgam e dominam com o sacrifício de nossa liberdade e espontaneidade criadora. Embrutecidos pela ganância e pela economia de mercado, atrelado ao poder, buscamos, no consumismo, na posse de bens materiais, o sentido da vida; mas só encontramos o vazio, a desagregação social, a angústia e o tédio. Adorando um bezerro de ouro, vamos destruindo a natureza (as fontes da vida) e alimentando a crença ingênua e fantasiosa de que é isso é o progresso e a modernidade. Condicionados e alienados pela cultura de massa, tornamos todos iguais. Estamos perdendo a sensibilidade, a humanidade, o sentimento de fraternidade e o sentido da vida. Em suma, vivemos os momentos crepusculares de uma civilização decadente e violenta. Infelizmente, é a inversão de valores, o triunfo da mediocridade, a corrupção (sem freios e sem limites), guerras, drogas, feminicídios, solidão, exclusão social e a degradação do homem. Que o Senhor ilumine a mente de todas as criaturas mortais!

» **Renato Mendes Prestes**
Águas Claras

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

O PDOT precisa ser um compromisso ético com o território. Avançar "dentro do possível" é pouco para quem espera há 15 anos por mudanças reais. Um plano diretor frágil é um convite ao improviso.

Paccelli M. Zahler — Sudoeste

O ministro Alexandre de Moraes diz que Bolsonaro agiu de forma "consciente" ao tentar violar a tornozeleira. Mas, cadê o laudo médico?

Marcos Pessoa — São Luís (MA)

Fiquem espertos. Já chegou a tão esperada Black Friday, e os alertas são muitos. Redobrar as atenções é o mínimo, pois o canto da sereia aumenta nesta data. Olho vivo, minha gente!

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

A recorrente previsibilidade do topo da tabela do Brasileirão Série A, causada talvez pelas diferenças orçamentárias dos clubes, está deixando a disputa no Z4 mais emocionante.

Marcos Figueira — Sudoeste

Mulher deve votar em mulher sempre que puder. É a única forma de nos fazermos representadas no poder. Somos 51% da população.

Neusa Carvalho — Brasília

Estudo revela que ter amigos é bom para a saúde. O difícil é ter amizade duradoura na atualidade. Cada um olhando para o próprio umbigo.

Claudia Lucas — Brasília

Bolsonaro

É compreensível a angústia dos filhos do ex-presidente Jair Bolsonaro por verem o pai condenado a 27 anos de prisão. Esse sentimento torna-se mais forte devido aos problemas de saúde do capitão. A gravidade é questionável devido às inúmeras versões que o clã Bolsonaro cria para tirar bom proveito de qualquer situação, tendo como companheira fiel a mentira. O ex-presidente tem atenção médica dia e noite (24 horas), enquanto milhões de brasileiros morrem sem conseguir uma consulta. Alegar que o soluço pode levá-lo ao óbito, provocar uma pneumonia ou outros danos colaterais é um discurso dramático, que não surpreende, mas fiel ao padrão inverídico das declarações do pai. Mas qualquer pessoa centrada não esperava outro final para a trágica novela protagonizada pelo capitão durante quatro anos de desgoverno. Ao cumprir pena na Polícia Federal, Bolsonaro se mantém na camada dos privilegiados.

» **Alfredo Gomes**
Paranoá

Hospital de Base

Vazamento inunda UTI do Hospital da Base nesta segunda-feira e força remanejamento de leitos. O hospital, com um todo, está um caos. São 20 horas de espera para receber um atendimento, e a única coisa que eles falam é que não tem previsão de médico ou que o médico que tem está em uma cirurgia de urgência. Como assim só tem um médico para atender emergência e centro cirúrgico com a demanda que existe em um hospital desse suporte, com demanda do Distrito Federal e do Entorno? Os demais hospitais também estão sem médicos?

» **Amanda Gonçalves**
Brasília

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R$ 5,00	R$ 7,00

ASSINATURAS*
SEG a DOM
R$ 1.187,88
360 EDIÇÕES
(promocional)

Assine
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento **(3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp,** para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press.
Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: *dapress@dabr.com.br* Site: *www.dapress.com.br*